

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 30 No. 1 2017

ARTIGO

ENTRE RIOS, DUNAS, LAGOAS E O MAR:

ARQUEOLOGIA GUARANI NO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA

Josiel dos Santos\*, Rafael Guedes Milheira\*\*, Juliano Bitencourt Campos\*\*\*

## RESUMO

Este artigo trata da ocupação Guarani no litoral sul de Santa Catarina, na região entre os rios Mampituba e Urussanga, cujo contexto ambiental é caracterizado por uma dinâmica cambiante de dunas, paleodunas, rios de pequeno e médio porte, lagoas quaternárias e o oceano Atlântico. A partir do estudo de 36 sítios arqueológicos, em uma perspectiva ecológica e sistêmica, apontamos as evidências materiais que indicam as diferentes estratégias de organização do espaço (aldeias, acampamentos e áreas funerárias) dentro de um território de domínio. Buscamos, ainda, refletir sobre o processo de ocupação e abandono desses assentamentos tardios, inseridos no contexto altamente conflitivo do aprisionamento de indígenas no início da colonização europeia no século XVI. **Palavras-chave:** Arqueologia Guarani; Ocupação litorânea Guarani; Litoral sul catarinense.

## ABSTRACT

This paper discusses the Guarani occupation on the southern coast of Santa Catarina/Brazil, in the region between the Mampituba and Urussanga rivers. The environment is characterized by a changing dynamics of sand dunes, paleo dunes, small and medium rivers, quaternary lagoons and the Atlantic Ocean. Through the study of 36 archaeological sites, from an ecological and systemic perspective, we pointed the material evidences that indicates the different strategies of the spatial organization (settlement, encampment and funerary sites) within a domain territory. We also seeks to reflect about the process of occupation and abandonment of these late settlements, inserted in the highly conflictive context of the capture of natives at the beginning of European colonization in the sixteenth century.

**Keywords:** Guarani Archeology; Guarani coastal occupation; South coast of Santa Catarina.

\* Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). E-mail: [josiel@unesc.net](mailto:josiel@unesc.net).

\*\* Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Professor do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPel). Pesquisador do CNPq, nível 2. E-mail: [milheirarafael@gmail.com](mailto:milheirarafael@gmail.com).

\*\*\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) Grupo de pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). E-mail: [jbi@unesc.net](mailto:jbi@unesc.net).

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma contribuição para o entendimento dos processos de ocupação das populações Guarani pré-coloniais do litoral sul brasileiro. Através do estudo de um conjunto de sítios arqueológicos localizados entre os municípios de Balneário Rincão e Araranguá (litoral sul do estado de Santa Catarina) buscamos refletir sobre a função das ocupações e a composição territorial Guarani no ambiente marítimo-lagunar do sul catarinense, identificando sítios aldeias e acampamentos que compuseram um território de domínio Guarani, conforme uma abordagem ecológica já consolidada na Arqueologia Guarani (NOELLI, 1993; ASSIS, 1996; SOARES, 1997; WAGNER, 2004; MILHEIRA, 2008a, 2008b, 2010; MILHEIRA & DEBLASIS, 2013; DIAS & SILVA, 2014).

Segundo esses autores, a composição do território Guarani pode ser esquematizada a partir de distintas dimensões espaciais e funcionais [ecozonas, segundo Assis (1996)]: a casa (*oka*), onde reside a família nuclear; a aldeia (*amundá*), onde reside a família extensa; o conjunto de aldeias inseridas em um território (*teko'á*); e o conjunto de *teko'á* que forma um território amplo, como uma nação (*guará*). Por definição, o *teko'á* se constitui como o conjunto de aldeias (*amundá*) e acampamentos (*tapýi*)<sup>1</sup>, interligados por caminhos (*piabirú*), compondo um território de domínio e influência.

A área piloto da pesquisa envolve um ambiente em que os sítios arqueológicos registrados estão assentados em áreas de dunas e paleodunas, entremeados por corpos lagunares que se articulam com o mar, estando, portanto, associados à dinâmica costeira de características cambiantes, típicas dos ambientes litorâneos de formação quaternária. Além de uma história de ocupação humana antiga, que envolve desde assentamentos de grupos de caçadores-coletores do Holoceno Médio até ocupações de grupos horticultores (SANTOS *et al.*, 2016), foi também um espaço intensivamente assediado ainda no início da colonização ibérica (MONTEIRO, 2005). Nesse caso, foi um contexto altamente conflitivo percebido arqueologicamente por padrões no registro arqueológico que remetem a práticas de abandono rápido dos assentamentos que compuseram os territórios de domínio das populações Guarani (MILHEIRA, 2010; MILHEIRA & DEBLASIS, 2013).

Após um intenso trabalho de mapeamento<sup>2</sup> que permitiu a identificação de 36 de sítios arqueológicos Guarani, foram realizadas escavações, abertura de sondagens e análises do material superficial em 16 sítios, dos quais oito foram considerados aldeias e oito acampamentos. A cronologia obtida através do método radiocarbônico apontou um horizonte de ocupação oscilando entre 1450 até 1650 anos AD (datas calibradas em Sigma 2, conforme tabela 02), sugerindo tratar-se de uma ocupação intensa próxima ao limiar da colonização europeia. Assim, foi possível descrever e discutir alguns aspectos da conformação territorial Guarani em tempos pré-coloniais e no início da colonização europeia no litoral sul-catarinense, propondo o “enxameamento” como o mecanismo

---

<sup>1</sup> Denominados pelos Guarani como *tapýi* (NOVAES, 1983; ASSIS, 1996), estes acampamentos se localizavam geralmente às margens dos rios, córregos e lagoas e eram ocupados sazonalmente. Eram bastante simples em suas estruturas arquitetônicas e eram usados como estruturas auxiliares para o controle dos recursos na paisagem, para coleta de moluscos e manipulação de alimentos, recursos estes utilizados para o abastecimento da aldeia (MILHEIRA & WAGNER, 2014).

<sup>2</sup> Esta pesquisa se insere no âmbito do projeto de pesquisa Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba (AERUM), desenvolvido pelo grupo de pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território e pelo Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS), da Universidade do Extremo Sul Catarinense. As pesquisas arqueológicas na região, intensificadas sobretudo a partir dos últimos anos no escopo do referido projeto, têm identificado vestígios materiais de diferentes populações que teriam ocupado os distintos ambientes regionais utilizando diversas estratégias durante um período de pelo menos 4000 anos. São registros relacionados à Tradição Umbu, à ocupação dos sambaquis e às populações Jê Meridional e Guarani (CAMPOS, 2015; CAMPOS *et al.*, 2013; SANTOS *et al.*, 2016).

sociológico de ocupação e expansão territorial (BROCHADO, 1984, 1989; NOELLI, 1993). Encarou-se, portanto, o desafio de descrever e interpretar, a partir de dados arqueológicos empíricos, a funcionalidade dos espaços que compunham o território de ocupação Guarani no litoral sul catarinense, sem perder de vista o contexto colonial, que, por sua vez, gerou um cenário de conflito e acelerada diminuição demográfica das populações nativas.

#### A ARQUEOLOGIA GUARANI NO LITORAL SUL-CATARINENSE: UMA BREVE SÍNTESE

No litoral sul catarinense, embora as pesquisas arqueológicas tenham sido mais intensamente voltadas ao estudo dos grandes sambaquis desde o século XIX, as contribuições mais significativas ao entendimento dos contextos de ocupação Guarani (especialmente nos municípios de Florianópolis, Laguna e Jaguaruna) remontam aos anos 1960, com os trabalhos de João Alfredo Rohr (1969, 1973, 1976, 1984). Após um hiato de pesquisas, somente no fim dos anos 1990 foram retomados estudos sistemáticos sobre sítios Guarani na região, resultado de programas de Arqueologia Preventiva (LAVINA, 1999, 2000).

No município de Imbituba, no ano de 1999, uma equipe do setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), realizou intervenções em 25 estruturas associadas aos Guarani identificadas na área de implantação da Zona de Processamento de Exportação (ZPE). Essas estruturas, impactadas em diferentes graus, foram caracterizadas pela presença de manchas de solo escurecido, com aparecimento associado de carvão vegetal, artefatos cerâmicos e líticos fragmentados e inteiros, além de restos faunísticos e sete estruturas funerárias com restos humanos preservados em três delas: um sepultamento adulto primário, um sepultamento adulto secundário e um sepultamento infantil primário. Foram datadas cinco amostras de cerâmica e de solos a elas associados através da técnica de Termoluminescência, resultando nas seguintes datas: Urna 1)  $1040 \pm 110$ ; Urna 7)  $1000 \pm 110$ ; Mancha 5)  $810 \pm 85$ ; Mancha 4)  $715 \pm 75$ ; Mancha 19)  $1050 \pm 150$ . Tal quantidade e a variedade de estruturas e vestígios materiais identificados nesse trabalho apontam este como uma grande aldeia Guarani (LAVINA, 1999).

No ano de 2000, também a equipe do Setor de Arqueologia da Unesc realizou um levantamento arqueológico ao longo do traçado projetado para a implantação da Rodovia Interpraías, identificando 20 sítios arqueológicos Guarani localizados na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá. Os sítios ocorrem distribuídos espacialmente em *clusters* numa área de 4500 metros, associados ao rio Araranguá e às lagoas do Faxinal, Esteves e Mãe Luzia, no litoral sul catarinense. Três desses sítios foram escavados, os quais variaram em sua composição tanto pelo número de manchas de solo escurecido quanto pela quantidade de vestígios materiais coletados. Nesse sentido, os sítios SC-ARA-004 (Aldeia da Lagoa Mãe Luzia) e SC-ARA-021 (Aldeia do Cemitério da Lagoa dos Esteves) caracterizaram-se pela presença de três manchas de solo escurecido cada um, com significativa densidade e variabilidade do material arqueológico exumado tanto em superfície quanto em sub-superfície; já o terceiro sítio, o SC-ARA-002 (Aldeia da Escola Isolada Lagoa dos Esteves), compunha-se de apenas uma mancha de solo escurecido de pequena espessura em relação aos dois primeiros sítios, sendo composto, contudo, por significativa densidade de vestígios cerâmicos e líticos (LAVINA, 2000). Partindo desses achados, Lino (2007, 2009) propôs um modelo de mobilidade e área de domínio territorial na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, aplicando o modelo ecológico de dominação territorial proposto por Noelli (1993), no entanto, sem se aprofundar na distinção de tipos de sítios que compõem o assentamento regional.

Mais recentemente, Milheira (2010) discutiu a ocupação Guarani no litoral do município de Jaguaruna/SC. Partindo da cronologia obtida nos sítios e do estudo dos contextos arqueológicos de aldeias e acampamentos, o autor propôs que o processo de ocupação Guarani se deu de forma “súbita e massiva”, em um período compreendido entre 1360-1470 AD e 1449-1614 AD, portanto um período relativamente breve. Aponta, assim, que esse processo de expansão rápido ter-se-ia dado devido a um possível “vazio demográfico” encontrado pelos Guarani à época de sua expansão territorial ao litoral, já que, segundo a literatura e a cronologia arqueológica, nesse momento as populações associadas aos sambaquis já haviam desaparecido e os Jê do planalto não se estabeleceram permanentemente no litoral, apesar de realizarem incursões esporádicas (MILHEIRA, 2010; MILHEIRA & DEBLASIS, 2013). Outra abordagem desse trabalho é que o autor inseriu a ocupação Guarani na região dentro de um processo histórico de conflito com os bandeirantes paulistas, intensificando seu etnocídio em escala regional (MILHEIRA, 2010; MILHEIRA & DEBLASIS, 2013).

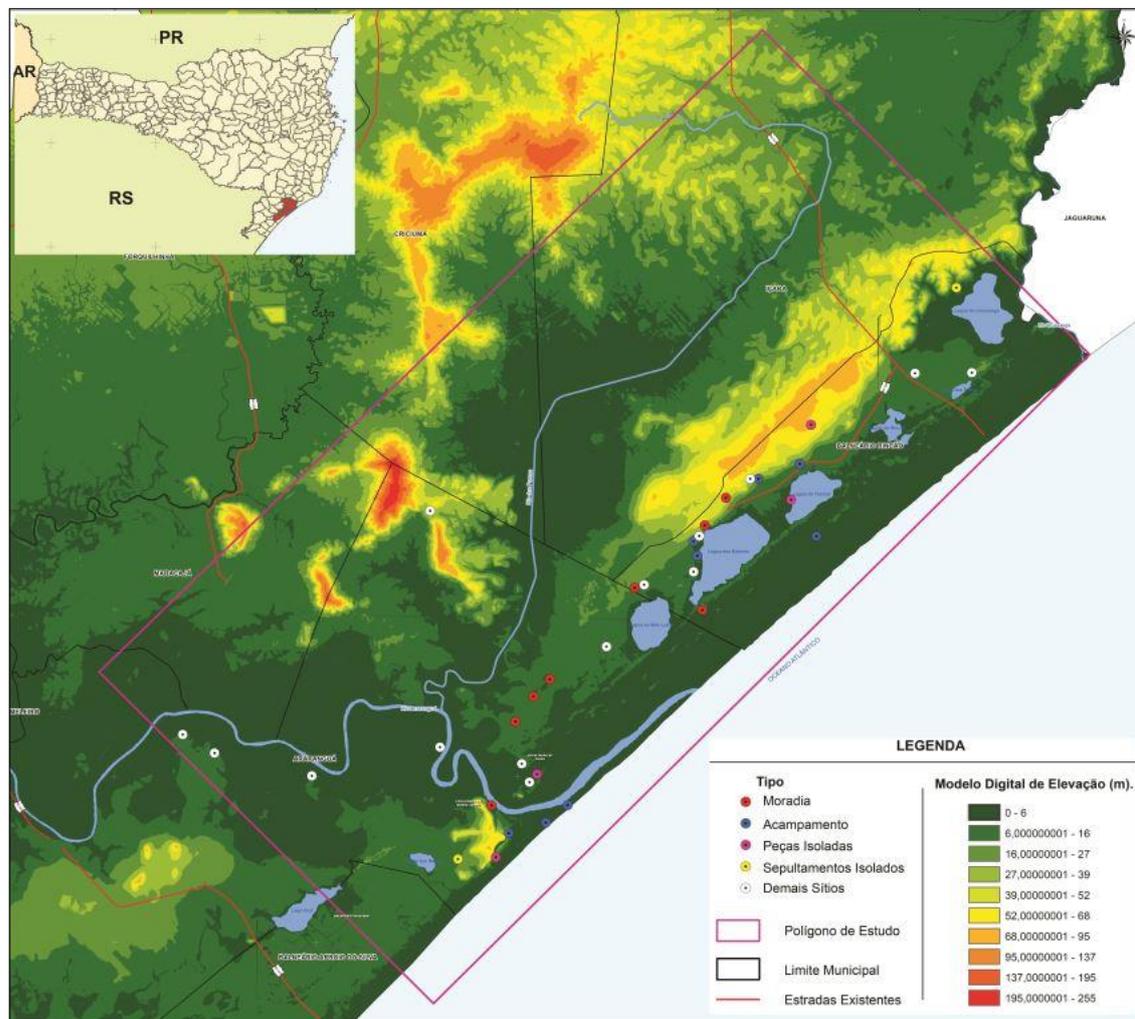
Esses trabalhos, embora distintos em objetivos, apontam para algumas particularidades do registro litorâneo, onde se encontram grandes aldeias com alta frequência de materiais arqueológicos, especialmente cerâmicas, instrumentos líticos e estruturas funerárias associadas a grandes manchas de solo escurecido de formato circular ou elíptico que remetem às antigas habitações e outros tipos de estruturas componentes dos espaços aldeãos. Por outro lado, sítios com baixa frequência de materiais também são registrados, sugerindo tratar-se de áreas anexas às aldeias, com funções específicas e que compõem o território de domínio Guarani. No entanto, esses acampamentos raramente são incorporados no cenário interpretativo do modelo regional de ocupação, tarefa essa aqui proposta, seguindo uma literatura já consolidada na abordagem desta temática (NOELLI, 1993; SOARES, 1997; ASSIS, 1996; WAGNER, 2004; MILHEIRA, 2008a, 2008b, 2010; MILHEIRA & DEBLASIS, 2013; DIAS & SILVA, 2014).

#### ÁREA PILOTO E AMBIENTE DA PESQUISA

A área de pesquisa onde ocorrem os sítios arqueológicos situa-se na Planície litorânea (ver mapa de ocorrência dos sítios na figura 1 e as coordenadas UTM e informações locacionais na tabela 1). Essa unidade geomorfológica é formada por extensas praias, acumulações dunares e formações lacustres. Sua formação é marcada por eventos transgressivos-regressivos que remontam ao Quaternário Superior, cujo remodelamento, ao longo do Holoceno, foi responsável pela composição atual de cordões lagunares e pelos terraços marinhos (SANTA CATARINA, 1986; JUSTUS *et al.*, 1986; KAUL, 1990; MARTIN *et al.*, 1988). Ao oeste ocorrem as unidades geomorfológicas Serra Geral, Patamares da Serra Geral, Depressão da Zona Carbonífera Catarinense e as Planícies Colúvio-Aluvionares (SANTA CATARINA, 1986; JUSTUS *et al.*, 1986; KAUL, 1990; DUARTE, 1995; TREIN, 2008).

Essa área está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, fazendo parte da vertente do Atlântico e sendo limitada ao norte pela Bacia Hidrográfica do Rio Urussanga e ao sul pela Bacia Hidrográfica do Rio Mampituba. O Rio Araranguá tem como seus formadores os rios Itoupava e Mãe Luzia. O Rio dos Porcos, tributário do Rio Araranguá, corta a área estudada no sentido norte-sul, estando posicionado paralelamente à linha da costa Atlântica, constituindo-se como importante fonte de recursos hídricos dentro desse ambiente. Outra característica marcante da região é o seu complexo lagunar, formado pelas lagoas do Rincão, Urussanga Velha, Faxinal, Esteves, Mãe Luzia, da Serra e dos Bichos.

**Figura 1** - Distribuição dos sítios arqueológicos na área de pesquisa. Elaboração: Projeto de Pesquisa Arqueologia Entre Rios.



Tal ambiente tem sido intensamente alterado desde os primeiros momentos da chegada dos europeus que formariam as cidades da região. Caracteriza-se, portanto, pelo desenvolvimento de atividades agrícolas durante um amplo período e, mais recentemente, sendo fortemente visado pelas empresas de mineração de areia e pela especulação imobiliária. Por isso, atualmente encontra-se consideravelmente alterada do ponto de vista ambiental. No entanto, os fragmentos da vegetação ainda hoje preservados são ilustrativos no que diz respeito ao ambiente que os Guarani encontraram quando de sua chegada e assentamento. Considerando que, quando essas populações dominaram o litoral sul catarinense, há cerca de 600 anos AP, esse ambiente já teria a formação que encontramos hoje nos espaços preservados (VAL, 2015), admite-se que a vegetação que predominava era caracterizada pela Floresta Ombrófila Densa (Mata Atlântica) e pelo Complexo de Restinga.

A Floresta Ombrófila Densa pode ser “considerada como a região fitoecológica mais complexa estruturalmente e de maior diversidade florística do Sul do Brasil”, caracterizando-se por florestas sempre verdes, ambiente úmido e frequente precipitação (LINGNER *et al.*, 2013: 160). A Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas estaria fixando-se na região costeira sul catarinense em um período em torno de 2500 anos AP, a partir de uma expansão desde a encosta da serra há cerca de 8000 anos AP (VAL, 2015).

Segundo Sevegnani *et al.* (2013: 325),

esta vegetação era exuberante, alcançando 35 metros de altura, composta por árvores com amplas e densas copas que se uniam com outras formando o dossel. Os seus ramos e troncos eram recobertos por denso epifitismo e grande número de plantas trepadeiras, entremeando-se numerosas arvoretas, arbustos e ervas, com solo coberto por densa serapilheira. Toda essa diversidade imprimia um aspecto tropical à floresta situada ao Sul do trópico, condicionada por um clima quente e úmido em grande parte do ano.

Já o ecossistema de restinga, associado ao ambiente da costa, tem sua formação intimamente ligada às características do solo e do clima, recebendo também influência marinha em sua composição. Sua cobertura vegetal pode ser caracterizada como de herbáceas – subarbusivas, arbustivas ou arbóreas –, podendo haver misturas entre elas ou mesmo ausência de vegetação. São característicos desses ambientes, ainda, a presença de cordões dunares (KLEIN, 1978; SEVEGNANI *et al.*, 2013).

Podemos dizer que os ambientes da Mata Atlântica e do Complexo de Restinga abrigavam uma expressiva quantidade faunística, com a identificação de variadas espécies de mamíferos, anfíbios, répteis, aves e peixes (marinhos e de água doce) e florística, com a identificação de espécies frutíferas e não frutíferas<sup>3</sup> (LAVINA, 2000; LINO, 2007; RICKEN *et al.*, 2013). Muitas dessas espécies, portanto, teriam sido utilizadas pelos Guarani, desde sua dieta e usos medicinais até a confecção de artefatos e construções de moradias (LAVINA, 2000; LINO, 2007; PEREIRA, 2014; PEREIRA *et al.*, 2016).

#### OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: ARQUEOMETRIA E DESCRIÇÃO DOS CONTEXTOS

Além dos 20 sítios Guarani identificados no âmbito do licenciamento para a implantação da Rodovia Interpraia (LAVINA, 2000), trabalhos pontuais realizados no âmbito da Arqueologia Preventiva pelo Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC permitiram a identificação de novas áreas de ocupação (LAVINA, 2006; CAMPOS & SANTOS, 2014, 2015). Esses sítios estão distribuídos nos diferentes compartimentos do ambiente regional, apresentando composições que vão desde fragmentos cerâmicos isolados até aglomerações de milhares de fragmentos cerâmicos e centenas de peças líticas, eventualmente associadas à presença de manchas de solo escurecido e estruturas de combustão<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Relação das espécies animais e vegetais levantadas para a região em Lavina (2000), em Pereira (2014) e em Pereira *et al.* (2016).

<sup>4</sup> Materiais arqueofaunísticos foram identificados em quantidades inexpressivas nos sítios arqueológicos. Acredita-se que o sedimento arenoso dos contextos inviabiliza consideravelmente a conservação de materiais ósseos.

**Tabela 1** - Informações locais dos sítios Guarani pesquisados.

Sítio	Coordenadas UTM (22 J)	Mancha de solo escurecido	Compartimento Ambiental	Recurso Aquático
SC-ARA-021	665.644 / 6.807.591	3	Meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica	250 metros da Lagoa dos Esteves
SC-ARA-004	663.557 / 6.805.711	3	Terraço da Lagoa Mãe Luzia	500 metros da Lagoa Mãe Luzia
SC-ARA-002	666.277 / 6.808.413	1	Meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica	700 metros da Lagoa dos Esteves
SC-ARA-008	660.532 / 6.802.444	3	Planície costeira	460 metros do Rio dos Porcos
SC-ARA-010	661.021 / 6.802.958	1	Planície costeira	830 metros do Rio dos Porcos
SC-ARA-007	659.992 / 6.801.688	5	Planície costeira	1500 metros do rio dos Porcos e do rio Araranguá
SC-ARA-018	658.364 / 6.799.056	Não foi possível delimitar	Terraço do Rio Araranguá	Margem do Rio Araranguá
SC-ARA-017	665.572 / 6.805.042	Não foi possível delimitar	Planície costeira	200 metros da Lagoa dos Esteves e 700 metros da Lagoa Mãe Luzia
SC-ARA-019	667.245 / 6.808.984	1	Meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica	950 metros da Lagoa do Faxinal.
SC-ARA-024	665.425 / 6.806.670	Ausente	Planície costeira	50 metros da Lagoa dos Esteves
SC-ARA-022	665.312 / 6.807.103	Ausente	Meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica	200 metros da Lagoa dos Esteves
SC-ARA-016	668.478 / 6.809.435	Ausente	Meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica	350 metros da Lagoa do Faxinal
SC-ARA-028	668.977 / 6.807.260	Ausente	Dunas holocênicas da costa atlântica	600 metros da Lagoa do Faxinal

Sítio	Coordenadas UTM (22 J)	Mancha de solo escurecido	Compartimento Ambiental	Recurso Aquático
SC-ARA-057	659.799 / 6.798.335	Ausente	Dunas holocênicas da costa atlântica	700 metros do Oceano Atlântico
SC-ARA-047	661.554 / 6.799.175	Ausente	Dunas holocênicas da costa atlântica (associados a montículos de conchas)	110 metros do Rio Araranguá e 140 metros do Oceano Atlântico
SC-ARA-031	660.900 / 6.798.650	Ausente	Dunas holocênicas da costa atlântica (associados a montículos de conchas)	100 metros do Rio Araranguá

A partir do viés ecológico (NOELLI, 1993) e sistêmico, caracterizado pela conexão de ecozonas (ASSIS, 1996) que compõem um território de domínio Guarani, conhecido como teko'á, propomos a distinção desses sítios entre aldeias e acampamentos<sup>5</sup>. Para tal distinção funcional, foram levados em consideração os dados relativos à inserção dos sítios no ambiente, a análise dos vestígios cerâmicos e a identificação de presença ou ausência de mancha de solo escurecido. A fim de exposição e síntese dos contextos, serão apresentados aqui esses sítios com descrição sucinta dos achados, técnicas de campo aplicadas, fotos, croquis de sítio e datações radiocarbônicas.

As datas foram realizadas com o método radiocarbônico, através de amostras de carvão extraídas de perfis no interior das manchas escuras referentes às habitações das aldeias e de estruturas de combustão fora das manchas. Foram calibradas em Sigma 2, conforme OxCal v4.2.4, SHCall *atmospheric curve*, cujos resultados englobam um período que vai desde 1450 até 1650 da era cristã, conforme os dados da tabela 2.

**Tabela 2** - Resultados das datações por C<sup>14</sup>.

Sítio	Idade Convencional (B.P.)	Calibração 2σ (A.D.)	B.P. Cal.	ID amostra	Material
SC-ARA-008	340±30	1450-1640	500-310	BETA 366854	Carvão
SC-ARA-008	340±30	1450-1640	500-310	BETA 366853	Carvão
SC-ARA-008	320±30	1470-1650	480-300	BETA 366851	Carvão
SC-ARA-008	350±30	1450-1640	500-310	BETA 366850	Carvão
SC-ARA-010	380±30	1460-1635	490-315	BETA 403218	Carvão

<sup>5</sup> Do conjunto total dos sítios registrados na área de pesquisa, os sítios SC-ARA-003, SC-ARA-005, SC-ARA-006, SC-ARA-020, SC-ARA-023, SC-ARA-027, SC-ARA-034, SC-ARA-036, SC-ARA-054, SC-ARA-055, SC-ARA-058, SC-ARA-060, SC-ARA-061 e SC-URU-002, ainda que entendidos como pertencentes ao sistema de assentamento das populações Guarani pré-coloniais, devido às reduzidas informações disponíveis a respeito da sua composição não apresentam elementos suficientes para que se possa inferir acerca de sua função dentro do contexto de ocupação regional, requerendo-se, para isso, o aprofundamento dessas informações. Já os sítios SC-ARA-049, SC-ARA-037, SC-ARA-039 e SC-ARA-056 são distinguidos pela ocorrência de apenas um fragmento isolado em cada um deles, enquanto que os sítios SC-ARA-051 e SC-URU-001 são compostos por urnas funerárias encontradas de maneira fortuita pelos moradores durante o manuseio do solo.

Sítio	Idade Convencional (B.P.)	Calibração 2σ (A.D.)	B.P. Cal.	ID amostra	Material
SC-ARA-002	400±30	1455-1630	495-320	BETA 403217	Carvão

#### Sítios aldeias

##### SC-ARA-004

Esse sítio está inserido no terraço da Lagoa Mãe Luzia, a aproximadamente 500 metros a oeste. Foram identificadas três manchas de solo escurecido. A coleta de superfície nessas manchas e a escavação de 24 m<sup>2</sup> na Mancha 1 e 16 m<sup>2</sup> na Mancha 2 contabilizou um total de 352 fragmentos cerâmicos, cujo tratamento superficial externo foi representado pelo corrugado, unglado, alisado, com engobo e com pintura. Identificou-se, ainda, a presença de vestígios líticos (um amolador em canaleta de arenito e fragmentos de quartzo, basalto, arenito e limonita) e material malacológico constituído por gastrópodes terrestres e bivalves marinhos, com reduzido grau de preservação (LAVINA, 2000).

##### SC-ARA-021

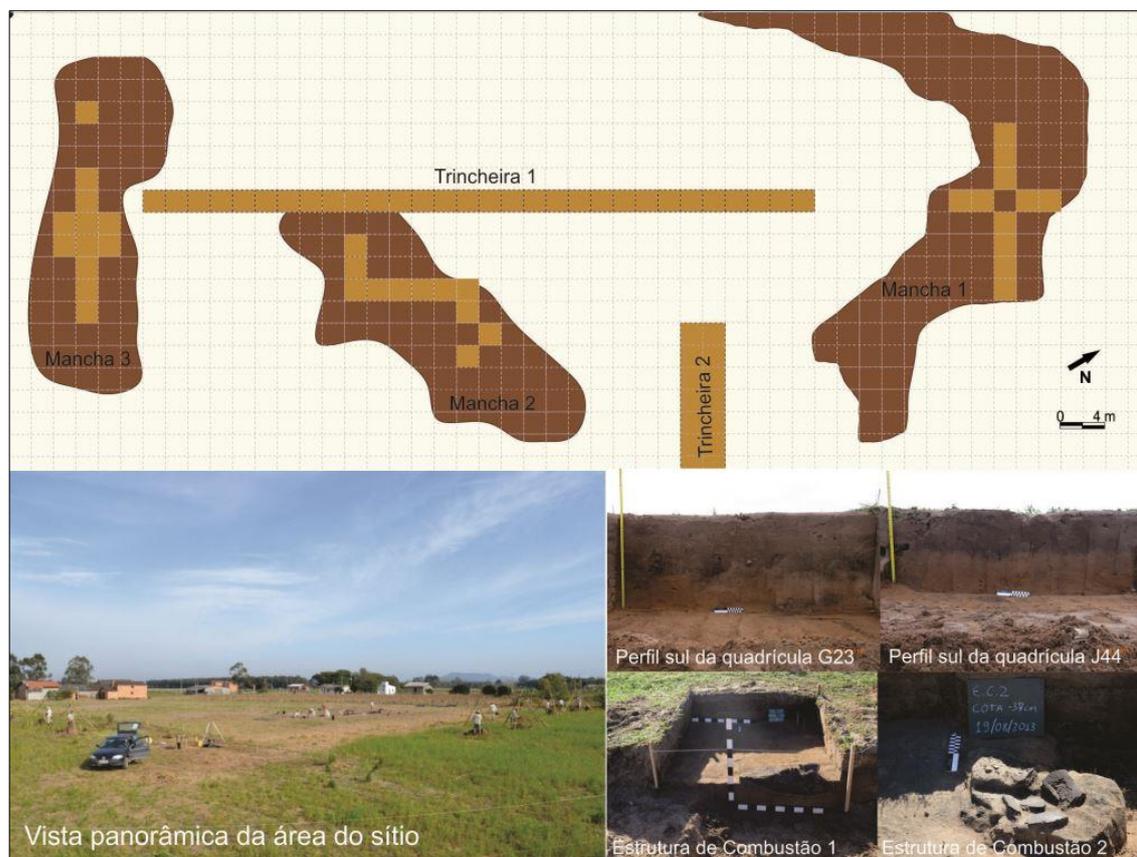
O sítio SC-ARA-021, inserido em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira Pleistocênica, localiza-se a aproximadamente 250 metros a oeste da Lagoa dos Esteves. É composto pela presença de três manchas de solo escurecido, que distavam 26 e 32 m entre si. A coleta de superfície e a escavação de 12 m<sup>2</sup> na Mancha 1, 52 m<sup>2</sup> na Mancha 2 e 40 m<sup>2</sup> na Mancha 3, efetuadas durante o Projeto Interpraias, identificou 4.146 vestígios materiais. Desses, 3.913 são compostos por fragmentos cerâmicos com uma alta variabilidade quanto às suas dimensões e tratamentos de superfície. Quanto aos 97 materiais líticos, identificou-se a presença de amoladores em canaleta de arenito friável, lascas e microlascas de calcedônia, artefatos de quartzo hialino e fragmentos de granito, basalto e xisto. Ocorreu, ainda, a presença de material malacológico, representada por gastrópodes terrestres e gastrópodes e bivalves marinhos, além de esparsas sementes calcinadas (LAVINA, 2000).

##### SC-ARA-008

O sítio SC-ARA-008 está implantado em uma área de relevo plano, com solo arenoso, estando 460 metros a leste do Rio dos Porcos. Destaca-se pela abundância de vestígios cerâmicos em superfície e pela presença de três manchas de solo escurecido alinhadamente dispostas, medindo, respectivamente, 440 m<sup>2</sup>, 281 m<sup>2</sup> e 271 m<sup>2</sup>. Esse sítio foi escavado durante o ano de 2013. A abertura das quadrículas possibilitou a visualização das camadas de ocupação, que atingiu até os 40 cm de profundidade, apresentando uma densa presença de vestígios arqueológicos. Esses totalizaram 10.641 peças, sendo 10.298 cerâmicos, 178 líticos, 107 amostras de carvão, 52 conchas e seis sementes (CAMPOS & SANTOS, 2014).

Além da abertura de quadrículas no interior das manchas, foram abertas trincheiras nas áreas adjacentes, em uma das quais foi evidenciada a presença de duas estruturas de combustão (figura 2). Ambas as estruturas foram caracterizadas por lentes escuras com presença de carvões, terra queimada e grandes fragmentos de cerâmica. Não foram identificados, nessas estruturas, blocos de rochas ou de argilas que pudessem ter sido utilizados como eventuais suportes para vasilhames no momento do cozimento dos alimentos, nem evidências de fauna ou flora, que pudessem indicar os tipos de alimentos que estavam sendo consumidos (CAMPOS & SANTOS, 2014).

**Figura 2** - Sítio SC-ARA-008: croqui das manchas de solo escurecido com a locação das quadriculas e trincheiras escavadas; vista panorâmica da área do sítio; perfil sul das quadriculas G23 (Mancha 2) e J44 (Mancha 1); evidencição das estruturas de combustão 1 e 2. Elaboração: Dos autores.



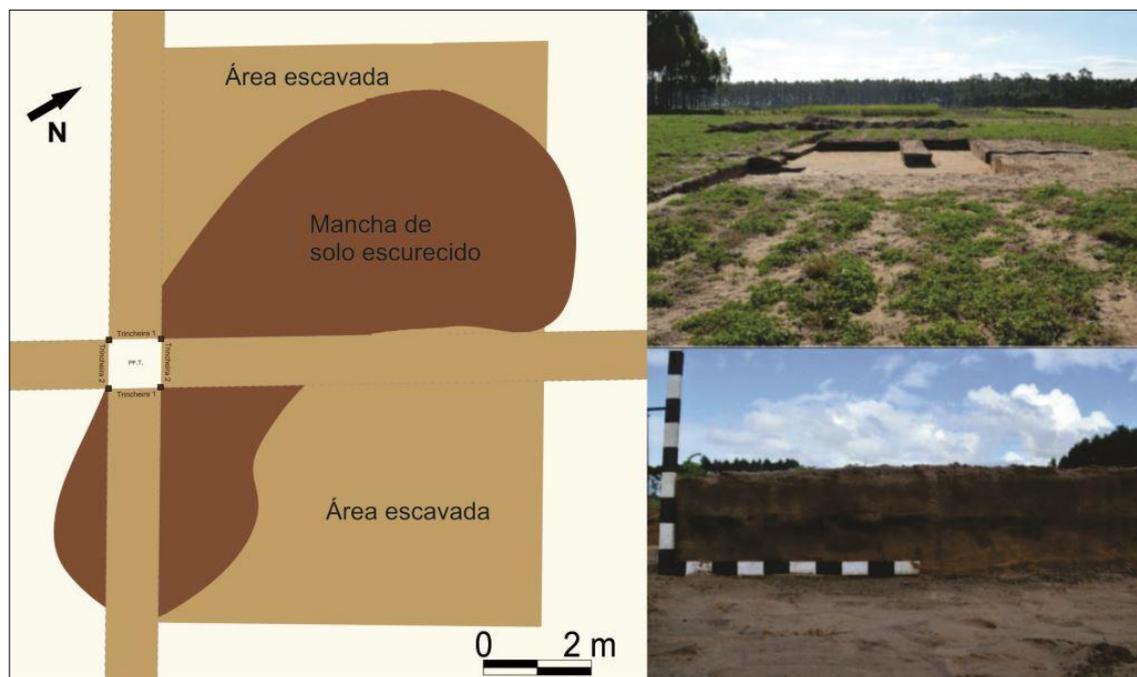
Nesse sítio, foi possível realizar quatro datações arqueológicas: 1) uma data de  $340\pm 30$  AP (Calibração Sigma 2: 500-310 AP / 1450-1640 AD), referente a uma amostra de carvão extraída da Estrutura de Combustão 2, a 37 cm de profundidade; 2) uma data de  $340\pm 30$  AP (Calibração Sigma 2: 500-310 AP / 1450-1640 AD), referente a uma amostra de carvão extraída da Estrutura de Combustão 1, a 42 cm de profundidade; 3) uma data de  $320\pm 30$  AP (Calibração Sigma 2: 480-300 AP / 1470-1650 AD), referente a uma amostra de carvão extraída do perfil leste da quadricula F21, na mancha de solo escurecido 2, a 12 cm de profundidade; e 4) uma data de  $350\pm 30$  AP (Calibração Sigma 2: 500-310 AP / 1450-1640 AD), referente a uma amostra de carvão extraída do perfil oeste da quadricula N4, na mancha de solo escurecido 3, a 9 cm de profundidade.

#### SC-ARA-010

Aproximadamente a 800 metros a nordeste do sítio SC-ARA-008, localiza-se o sítio SC-ARA-010, implantado em relevo suave ondulado, sobre solo arenoso em topo de elevação, distando cerca de 830 metros do Rio dos Porcos. Em trabalho de campo realizado no ano de 2014, foi efetuada a coleta sistemática de superfície e a escavação de duas trincheiras, posteriormente ampliadas pela abertura dos Setores 1 e 2, o que permitiu evidenciar uma camada de ocupação de até 30 cm de profundidade (figura 3). No total, foram contabilizados 1.489 vestígios arqueológicos, cuja composição se caracterizou por 1.336 fragmentos cerâmicos, 89 líticos, 10 amostras de carvão e 8 conchas (CAMPOS & SANTOS, 2014).

Nesse sítio, foi possível realizar uma data arqueológica a partir de uma amostra de carvão, com resultado de  $380 \pm 30$  AP (Calibração Sigma 2: 490-315 AP / 1460-1635 AD).

**Figura 3** - Sítio SC-ARA-010: croqui da mancha de solo escurecido; vista panorâmica do sítio e da área escavada; perfil norte do Setor de Escavação 2, com evidência da mancha de solo escurecido. Elaboração: Dos autores.

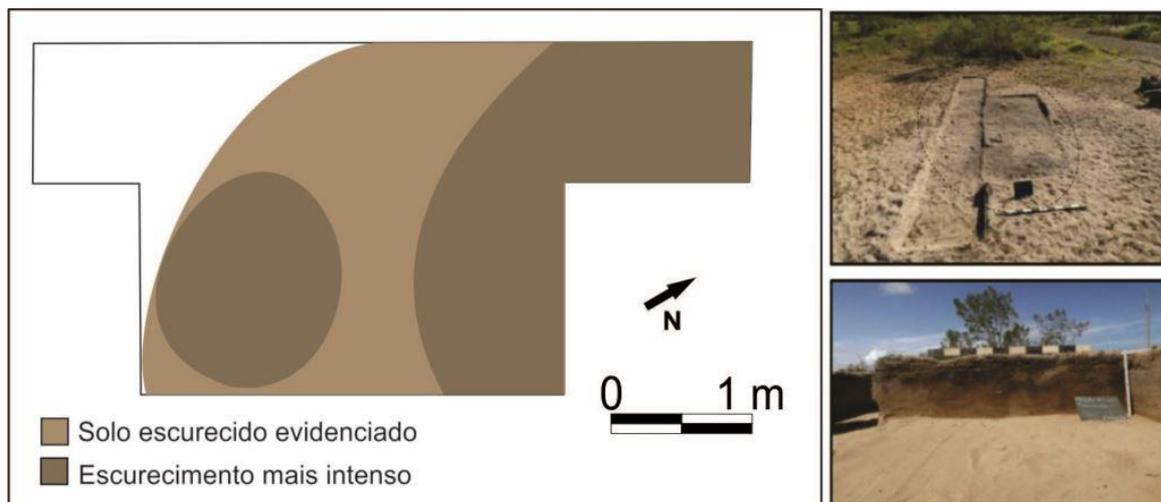


SC-ARA-002

O sítio SC-ARA-002 está assentado em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira Pleistocênica, 700 metros a oeste da Lagoa dos Esteves. É caracterizado pela presença de uma mancha de solo escurecido, cuja escavação de uma área de 28 m<sup>2</sup>, efetuada no âmbito do Projeto Interpraias, possibilitou evidenciar uma camada arqueológica de 8 cm. Recentemente esse mesmo sítio foi objeto de nova intervenção no ano de 2015, com a abertura de duas trincheiras, uma medindo 5m x 1m e outra medindo 3m x 1,5m (CAMPOS & SANTOS, 2015) (figura 4). Foram recuperados, em ambos os momentos da pesquisa, o total de 1.095 vestígios arqueológicos, divididos entre 1.583 fragmentos cerâmicos, 88 líticos, 10 amostras de sementes carbonizadas, uma amostra de osso e um otólito. Destaque-se que mais de 90% dos vestígios arqueológicos foram identificados em superfície (CAMPOS & SANTOS, 2015).

Nesse sítio, foi possível realizar uma data arqueológica de  $400 \pm 30$  AP (Calibração Sigma 2: 495-320 AP / 1455-1630 AD), referente a uma amostra de carvão extraída do interior da mancha de solo escurecido, no nível 1 da Trincheira 2.

**Figura 4** - Sítio SC-ARA-002: área escavada com evidenciação da mancha de solo escurecido; delimitação das trincheiras, onde é possível observar parcialmente a mancha; perfil norte da trincheira 2, com evidenciação da camada de solo escurecido. Elaboração: Dos autores.



#### SC-ARA-007

O sítio SC-ARA-007 está localizado em área de relevo plano, na planície costeira, a aproximadamente 1.500 metros ao norte do rio Araranguá e a 3.000 metros do Oceano Atlântico – salienta-se, todavia, que, a 700 metros, encontra-se um meandro abandonado do rio Araranguá. É composto por cinco manchas de solo escurecido, dispostas dispersamente. Em trabalho de campo realizado no início de 2016, verificou-se que a área desse sítio está coberta por campo de pastagem, silvicultura (eucalipto) e plantio de milho. Dessa forma, a única parte onde foi possível visualizar o solo foi na área de plantio de milho, onde foi efetuada a análise *in situ* de 498 fragmentos cerâmicos dispersos na superfície de duas manchas de solo escurecido, os quais se distribuem entre corrugado, alisado, ungulado, corrugado-ungulado, com engobo branco ou vermelho e com pintura vermelha sobre superfície alisada ou sobre engobo branco. Destaca-se, ainda, a ocorrência de vestígios líticos (em arenito, basalto, calcedônia e quartzo) e de fauna malacológica (gastrópode terrestre).

#### SC-ARA-017

O sítio SC-ARA-017, por sua vez, está situado na localidade de Barra Velha, no município de Balneário Rincão, entre a Lagoa dos Esteves e a Lagoa Mãe Luzia, das quais dista, respectivamente, aproximadamente 200 e 700 metros. Insere-se em ambiente de planície costeira, distando do Oceano Atlântico cerca de 1.500 metros. É caracterizado pela densa presença de material cerâmico associado a difusas manchas de solo escurecido que não puderam ser medidas ou quantificadas devido ao seu precário estado de conservação, já que, além do sítio ser cortado por uma estrada local, em seus arredores foram efetuadas atividades de extração de areia. O corte provocado em sua área pela passagem de uma estrada de chão permitiu a exposição de um perfil evidenciando parte de uma espessa mancha de solo escurecido, na qual é possível identificar um alto número de fragmentos cerâmicos dos mais diversos tipos e tamanhos. Em um terreno contíguo, ainda, é possível perceber outra área de solo escurecido, onde se pôde também evidenciar a presença de vestígios cerâmicos. Assim, a área de dispersão visível do material arqueológico cobre cerca de 3.200m<sup>2</sup>.

## SC-ARA-018

Está localizado na margem direita do rio Araranguá, no sopé do Morro dos Conventos e a aproximadamente 1.700 metros do mar. Situa-se em uma propriedade particular, sob construções, horta e gramado, impossibilitando a visualização completa das áreas de solo escurecido, não permitindo, assim, a verificação de sua extensão e quantidade. Segundo uma moradora atual, antigamente, quando a terra era revolvida para se fazer as hortas ou construir edificações, eram frequentemente encontrados vasilhames cerâmicos inteiros ou em fragmentos no local. Durante o Projeto Interpraías, foram recolhidos, em sua superfície, um total de 449 fragmentos cerâmicos. Sua proximidade com o rio e a ampla área de dispersão dos vestígios arqueológicos apontam para este como um importante local de habitação dentro da rede de assentamentos locais.

## Sítios acampamento

## SC-ARA-019

Este sítio está inserido em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira Pleistocênica, a aproximadamente 950 metros a oeste da Lagoa do Faxinal. Foram identificados e coletados, durante o Projeto Interpraías, apenas seis fragmentos cerâmicos. No ano de 2016, foi efetuada a abertura de uma quadrícula de 1 m x 1 m e de duas trincheiras de 3 m x 1 m e de 2 m x 1 m, respectivamente. Durante a escavação da Trincheira 1, foi evidenciada parte de uma tênue mancha de solo escurecido com aproximadamente 10 cm de espessura a aproximadamente 20 cm da superfície, bem como duas estruturas de combustão, uma dentro e outra fora da referida mancha. Tais estruturas se caracterizaram por seu diminuto tamanho, ambas não alcançando mais de 20 cm de diâmetro e espessura. Estavam compostas por carvão vegetal, fuligem e solo carbonizado, sem que se pudessem evidenciar quaisquer outras estruturas associadas. Após chegar à parte estéril da Trincheira 1, foi procedida a abertura da Trincheira 2, contígua a esta, com o intuito de delimitar a espessura e horizontalidade da mancha escurecida (figura 5). Foi possível constatar que sua espessura variou entre 5 e 10 cm, com uma área estimada de 25 m<sup>2</sup>. Quanto aos demais vestígios materiais identificados nesse sítio, limitaram-se à ocorrência de 24 fragmentos cerâmicos.

**Figura 5** - Sítio SC-ARA-019: Nível 2 da Trincheira 2 – em primeiro plano é possível visualizar a tênue camada de solo escurecido; Estrutura de Combustão 2 – início da evidenciação da concentração de material carbonizado a 20 cm de profundidade. Fotos: dos autores.



## SC-ARA-022

Este sítio está localizado em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira Pleistocênica, 200 m a oeste da Lagoa dos Esteves. Durante o Projeto Interpraias, foram coletados 68 fragmentos cerâmicos, cuja maioria caracterizou-se pelo tratamento superficial corrugado, seguido pelo alisado, corrugado-ungulado, ungulado e os que continham engobe branco e pintura vermelha ou preta. Quanto ao material lítico, foi identificado um fragmento de basalto.

## SC-ARA-024

Está inserido em área de planície costeira, a aproximadamente 50 metros a oeste da Lagoa dos Esteves. Durante os trabalhos de campo do Projeto Interpraias, foi efetuada a coleta da totalidade dos vestígios identificados em superfície, que quantificaram um total de 14 fragmentos, cuja maior parte é caracterizada por tratamento superficial externo corrugado. Não foram identificados quaisquer vestígios líticos, faunísticos ou florísticos, tampouco estruturas associadas.

## SC-ARA-016

Situado em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira Pleistocênica, este sítio está a aproximadamente 350 m a oeste da Lagoa do Faxinal. Nele foram identificados e coletados, durante os trabalhos do Projeto Interpraias, um total de 10 fragmentos de parede de vasilhames cerâmicos, cuja maioria possuía tratamento de superfície corrugado.

## SC-ARA-028

Este sítio está inserido em área de dunas holocênicas, localizado na comunidade de Barra Velha, município de Balneário Rincão, situando-se a aproximadamente 600 metros a leste da Lagoa do Faxinal e 1.100 metros do Oceano Atlântico. Foi identificado, durante as atividades do Projeto Interpraias, ocasião em que se efetuou a coleta total do material arqueológico superficial, representado pelo montante de 25 fragmentos cerâmicos altamente desgastados pela ação eólica.

## SC-ARA-057

Situado sobre as dunas localizadas próximo ao sopé do Morro dos Conventos, na comunidade homônima, a aproximadamente 700 metros do Oceano Atlântico, é caracterizado pela presença de 37 fragmentos cerâmicos, espalhados em uma área de aproximadamente 400 m<sup>2</sup>, formando dois conjuntos aglomerados espaçados cerca de 50 metros entre si. Observou-se, a exemplo do sítio anterior, o alto índice de fragmentos com a superfície desgastada.

## Sítio SC-ARA-047

Este sítio está localizado no ambiente dunar situado entre o rio Araranguá e o Oceano Atlântico, dos quais se distancia, respectivamente, 110 e 140 metros. Apesar do vento constante, a conformação atual das dunas ameniza sua intensidade. O local apresenta, ainda, uma boa visibilidade do entorno. É caracterizado por seis montículos cuja superfície é composta por denso material malacológico e fragmentos esparsos de rochas. Associado a esses montículos foram identificados 11 fragmentos de parede de vasilhame com a superfície altamente desgastada dispersos em um raio de aproximadamente 15 metros. Através da análise *in situ*, inferiu-se que os fragmentos

provieram de um mesmo vasilhame, sendo possível, inclusive, a realização da sua remontagens.

SC-ARA-031

Está localizado a aproximadamente 850 metros do sítio SC-ARA-047, em ambiente similar, composto por cinco montículos apresentando denso material malacológico em superfície. Foram identificados e analisados *in situ* um total de 15 fragmentos cerâmicos, todos com o tratamento superficial corrugado. A frequência na espessura desses fragmentos, associadas à similaridade em sua tecnologia de produção, sugere tratar-se, como no sítio anterior, de um mesmo vasilhame. Sondagens de 50 cm<sup>3</sup> efetuadas no topo de três destes montículos indicaram que o material malacológico se restringe à sua superfície (figura 6). Não foram evidenciadas, ainda, quaisquer alterações na coloração do solo ou em sua compactação que pudesse sugerir a presença de qualquer estrutura ou feição arqueológica.

**Figura 6** - Sítio SC-ARA-031: inserção dos montículos que compõem o sítio no ambiente dunar; sondagem demonstrando a ausência de material arqueológico em subsuperfície. Fotos: dos autores.



## VESTÍGIOS CERÂMICOS

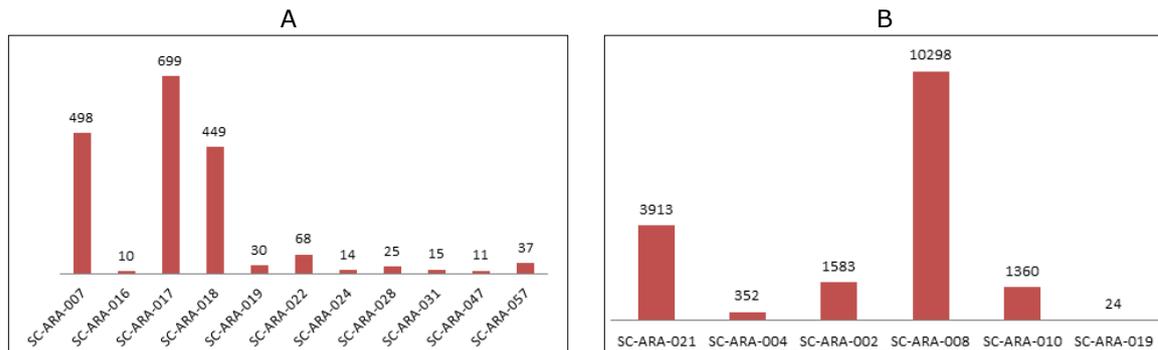
Os vestígios cerâmicos ocorrem geralmente associados às manchas de solo escurecido e são importantes indicadores de funcionalidade dos contextos arqueológicos. Portanto, a análise desse tipo de material, aliada a outros elementos associados aos sítios e ao ambiente, possibilita-nos pensar o contexto mais amplo de ocupação do local estudado a partir de uma perspectiva sistêmica (MILHEIRA, 2008a, 2008b, 2010). Foram utilizadas as análises das coleções exumadas durante o projeto de Arqueologia Preventiva no âmbito do licenciamento para a implantação da Rodovia Interpraias (LAVINA, 2000) e das escavações realizadas recentemente, sobretudo nos sítios SC-ARA-008, SC-ARA-010 e SC-ARA-002 (CAMPOS & SANTOS, 2014, 2015) – dos quais os dados foram extraídos. Além desses, foram efetuadas análises *in situ*<sup>6</sup> do material em superfície identificado nos sítios SC-ARA-007, SC-ARA-031, SC-ARA-047 e SC-ARA-057.

Os parâmetros de análises utilizados foram selecionados considerando seu potencial no que diz respeito à interpretação acerca do lugar de cada sítio dentro das estratégias utilizadas pelas populações Guaraní na organização e domínio do território

<sup>6</sup> Optamos por realizar análise *in situ* como uma estratégia para manter a integridade dos contextos em virtude da baixa frequência de cerâmicas em alguns destes sítios.

litorâneo do extremo sul catarinense. Seguiu-se um método de análise já consolidado e testado em Arqueologia Guarani por autores como La Salvia & Brochado (1989), Milheira (2008a, 2008b, 2010), Neumann (2008) e Jaques (2007). Foram considerados, portanto, o número de fragmentos identificados nos sítios (separados entre os que foram analisados somente na superfície do sítio e os provenientes de escavações), tratamento superficial externo dos fragmentos, espessura dos fragmentos e projeção das formas. Os dados foram agregados em gráficos quantitativos, a fim de tecer comparações entre as coleções dos diferentes contextos de ocupação.

**Gráfico 1** - A) Quantidade de fragmentos cerâmicos coletados durante o Projeto Interpraia ou analisados *in situ*; B) Quantidade de fragmentos cerâmicos provenientes dos sítios escavados.



Ao compararmos o total de fragmentos cerâmicos contabilizados em cada um dos conjuntos de sítios (coletas superficiais e análises *in situ* de um lado e escavações de outro), é evidente a variação que há entre os sítios. Sobretudo naqueles sítios onde foi analisado o material em superfície, tal variação pode ser associada à presença ou ausência de manchas de solo escurecido. De fato, os sítios com maior quantidade de fragmentos são justamente aqueles que apresentam uma ou mais dessas manchas, quais sejam os sítios SC-ARA-007, SC-ARA-017 e SC-ARA-018. Quanto aos sítios escavados, destaca-se a diminuta quantidade de fragmentos exumados no sítio SC-ARA-019, quando comparado aos demais.

Em relação ao tratamento da superfície externa dos fragmentos, essa correlação pode ser feita em dois momentos. Em um primeiro momento, observando os sítios escavados recentemente, é evidente a variabilidade do tratamento superficial observada no sítio SC-ARA-008, por exemplo, quando contraposto ao SC-ARA-019, onde há um reduzido número de tratamentos. Em um segundo momento, observa-se os sítios onde foram realizadas coletas superficiais ou análises *in situ*, onde há uma correlação entre a variabilidade de tipos de tratamentos superficiais e a presença de mancha de solo escurecido. Embora o alisado e o corrugado predominem nos primeiros sítios, é considerável a presença de fragmentos com engobe vermelho ou branco ou com pintura vermelha sobre engobe branco. De outra parte, nos sítios com menor densidade de material e com ausência de solo escurecido, é observado que o corrugado predomina absoluto em grande parte deles.

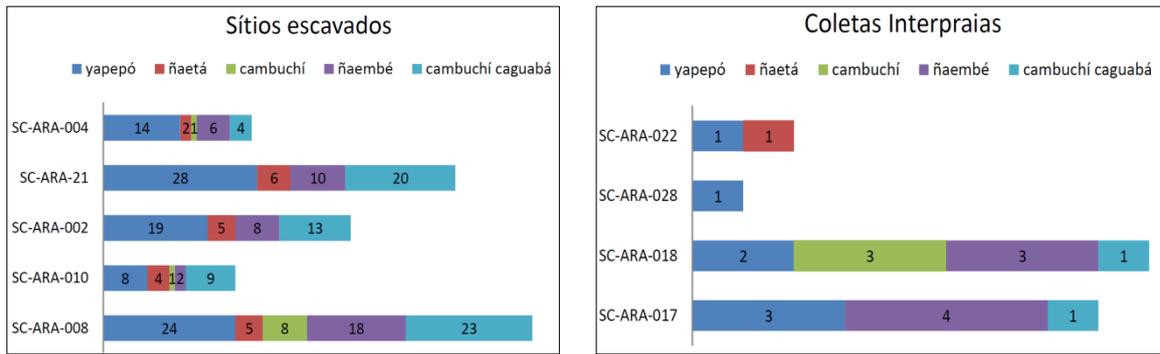
**Figura 6** - Tratamento superficial externo das coleções cerâmicas analisadas.  
Elaboração: dos autores.

Tipo de Tratamento Superficial	Coleções Escavadas				Coletas Superficiais e Análises <i>in situ</i>										
	SC-ARA-019	SC-ARA-002	SC-ARA-010	SC-ARA-008	SC-ARA-007	SC-ARA-017	SC-ARA-018	SC-ARA-016	SC-ARA-022	SC-ARA-024	SC-ARA-028	SC-ARA-031	SC-ARA-047	SC-ARA-057	
Plástico	corrugado	7	202	854	4390	242	113	231	4	37	9	2	15	3	19
	alisado	2	275	307	2730	207	171	122	1	11	2	-	-	2	-
	ungulado	5	205	40	736	2	123	1	2	2	-	7	-	-	-
	corrugado-ungulado	3	93	-	65	2	76	18	1	1	-	-	-	-	2
	alisado-corrugado	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	alisado-ungulado	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	alisado e corrugado	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	2	-
	alisado e ungulado	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	1	-	-	-
	serrungulado	-	-	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	imbricado	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	inciso	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	nodulado	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	pinçado	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
acordelado	-	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	
Cromático	pintura vermelha	-	-	1	10	1	6	1	-	-	-	-	-	-	-
	pintura preta	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	engobe vermelho	-	2	5	102	2	33	4	-	-	-	-	-	-	-
	engobe branco	4	1	16	182	15	9	14	1	4	2	-	-	-	-
	vermelho sobre branco	-	23	15	62	8	25	15	-	4	-	-	-	-	-
	branco sobre vermelho	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	preto sobre branco	-	-	1	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

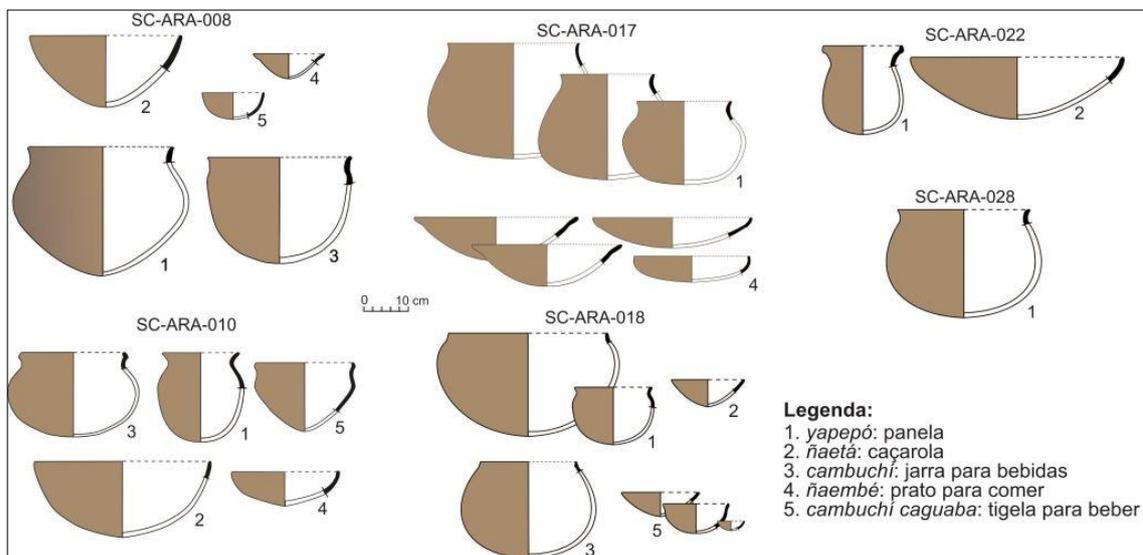
Quanto às espessuras dos fragmentos, foi possível constatar que os sítios com maior quantidade de fragmentos e associados a manchas de solo escurecido apresentaram uma maior distribuição entre as espessuras, variando entre 5 a 10 milímetros e 10 a 15 milímetros, com expressiva presença de espessuras com mais de 15 milímetros. Por outro lado, os sítios com menor densidade de fragmentos apresentaram em sua composição a predominância absoluta de espessuras entre 5 e 10 milímetros. Tais resultados apontam, desta forma, para um contexto com presença de vasilhames de maior volume nos sítios maiores, ao passo que os sítios menores seriam caracterizados por vasilhames de volume menor.

A projeção gráfica dos vasilhames foi efetuada seguindo metodologia já consolidada na Arqueologia Guarani (LA SALVIA & BROCHADO, 1989; BROCHADO *et al.*, 1990; BROCHADO & MONTICELLI, 1994). O gráfico abaixo apresenta os valores obtidos sintetizando as projeções realizadas por Lino (2007) – a partir de uma quantidade amostral (sítios SC-ARA-002, SC-ARA-004 e SC-ARA-021) –, por Campos & Santos (2015) (em nova intervenção no sítio SC-ARA-002) e, por fim, as efetuadas no âmbito da presente pesquisa (sítios SC-ARA-008, SC-ARA-010, SC-ARA-017, SC-ARA-018, SC-ARA-022 e SC-ARA-028). Tais resultados, ainda que não contemplem a totalidade dos vasilhames dos contextos arqueológicos, são aqui relevantes por apontar a correlação existente entre a variabilidade na distribuição dos tipos de vasilhames em cada sítio, demonstrando a associação entre esta variabilidade e os demais componentes dos sítios que apontam para contextos de aldeias ou acampamentos.

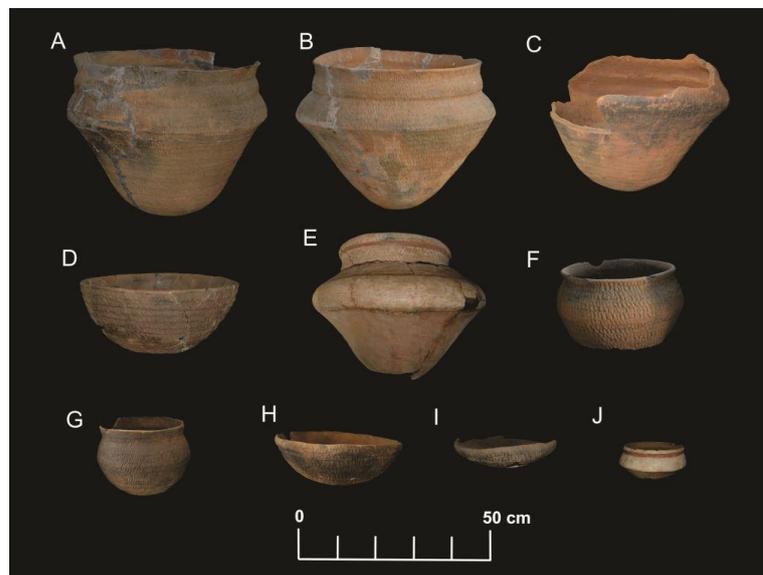
**Gráfico 2** - Distribuição das formas projetadas segundo os sítios. Elaboração: dos autores.



**Figura 7** - Projeção gráfica de vasilhames a partir de fragmentos de bordas representativas de alguns conjuntos dos principais sítios estudados. Elaboração: dos autores.



**Figura 8** - Conjunto de vasilhames cerâmicos inteiros encontrados ao longo da área da pesquisa. Vasilhas A, B, D e F - comunidade de Boa Vista, Balneário Rincão; C - SC-ARA-051; E e I - SC-ARA-016 (Luquinha do Zé Pequeno); G - Lagoa dos Esteves - Rincão; H e J - Balneário Gaivota. Fonte: Santos, Pavei e Campos, 2016.



## DOMINANDO O ESPAÇO ENTRE AS LAGOAS E O MAR

A diversidade dos registros arqueológicos associadas à ocupação Guarani na área de pesquisa aponta para diferentes estratégias de domínio do ambiente litorâneo, com a presença de locais característicos de assentamentos duradouros, bem como registros que apontam para acampamentos efêmeros relacionados a determinadas atividades econômicas e sociais. Com efeito, o cruzamento das informações empíricas, tais como presença ou ausência de mancha de solo escurecido e potência estratigráfica, quantidade e variabilidade dos vestígios cerâmicos, assim como inserção no ambiente, possibilitou a classificação do conjunto de sítios estudados dentro de uma rede sistêmica de domínio do território litorâneo, distinguindo-os entre sítios aldeias e acampamentos (NOELLI, 1993; ASSIS, 1996; SOARES, 1997; MILHEIRA, 2008a).

Dentre os sítios considerados como aldeias, destacam-se SC-ARA-002, SC-ARA-004, SC-ARA-007, SC-ARA-008, SC-ARA-010, SC-ARA-017, SC-ARA-018 e SC-ARA-021. Embora nem todos esses sítios tenham sido alvo de escavações, suas características superficiais e locacionais apontam para a constituição de importantes assentamentos regionais, como uma ampla e diversa quantidade de vestígios arqueológicos em superfície associadas a manchas de solo escurecido e uma localização estratégica no que diz respeito aos recursos disponíveis no ambiente.

Nos sítios SC-ARA-004 e SC-ARA-021, ainda que tenha sido coletada e escavada apenas uma parte amostral dos vestígios, pôde-se observar a variedade do pacote arqueológico, com vestígios cerâmicos e líticos de diversos tipos associados às manchas de solo escurecido identificadas.

As intervenções realizadas no sítio SC-ARA-008, por sua vez, demonstraram diversos elementos que podem ser relacionados a um local de moradia. O primeiro item a se destacar diz respeito à expressiva quantidade e variedade do conjunto arqueológico exumado nas escavações em relação às outras escavações realizadas nas proximidades. Das três manchas de solo escurecido e seu entorno, foi recolhido um montante de aproximadamente 10.000 vestígios arqueológicos, entre fragmentos cerâmicos, líticos, conchas, sementes e carvões. Apesar de todo o conjunto cerâmico encontrar-se fragmentado, as análises do tratamento superficial, da frequência de espessura e das projeções gráficas das formas demonstraram a variedade dos vasilhames que teriam sido produzidos e utilizados dentro do contexto de ocupação desse sítio. São elementos que apontam para distintas utilizações, desde aqueles relacionados a um caráter utilitário e de uso doméstico cotidiano até os que remetem a utilizações em contextos específicos – como momentos de reuniões cerimoniais e festivas.

Observando a distribuição do conjunto de sítios acima mencionados, percebe-se que há uma preferência em estabelecer os assentamentos a uma relativa distância do oceano, em uma área de planície entre as lagoas, tendo em seu raio de alcance uma variedade de outros sítios que estariam associados a distintas funções dentro do contexto de organização territorial. Tal área seria coberta pela Mata Atlântica, com importantes semelhanças ao ambiente preferencialmente ocupado no histórico de expansão Guarani.

De outra parte, há o sítio SC-ARA-002, localizado em área de topo de elevação das dunas holocênicas que se situam ao oeste do cordão lagunar. Esse sítio, pelo seu conjunto material, pode ser considerado como um assentamento permanente de pequenas dimensões. Isso pode ser inferido a partir da relativa variedade observada em seu conjunto cerâmico bem como pela presença de manchas de solo escurecido que, embora apresente espessura menor em relação aos sítios maiores localizados na planície lagunar, pode ser considerada como oriunda de uma estrutura de habitação ou similar. Esse sítio, localizado em área elevada, pode ser entendido, ainda, como um

importante ponto de observação do ambiente regional, com uma ampla vista do complexo lagunar e da linha costeira, e conseqüentemente dos assentamentos alocados nessa área. Essa inserção privilegiada poderia, portanto, contribuir para a eleição desse e de outros locais semelhantes como lugares de atividades específicas dentro do contexto sociocultural do grupo, como execuções de atividades rituais e religiosas.

Em contrapartida a esses sítios com maior densidade de vestígios, estão aqueles que são caracterizados, sobretudo, por um reduzido número de fragmentos cerâmicos – menos de uma centena em cada um – onde raramente identifica-se um contexto com profundidade estratigráfica, o que nos leva a pensar em processos de ocupação muito rápidos. Tais sítios estão inseridos em diversos compartimentos ambientais ao longo do litoral.

Entre os sítios aqui pesquisados, observa-se uma importante diversidade de inserção em variados ambientes, apontando para uma dinâmica exploração desta área litorânea. Nessa perspectiva, os sítios SC-ARA-019 e SC-ARA-020 apontam para atividades relacionadas ao cultivo, à caça e à coleta. Distanciando-se 900 e 300 metros, respectivamente, da lagoa mais próxima, a funcionalidade desses sítios não parece estar relacionada direta e prioritariamente às atividades ligadas à pesca nestes locais. Distanciando-se 1300 metros entre si, esses sítios estão implantados em área de baixa vertente, sobre depósitos da planície lagunar. Esse ambiente estaria coberto pelo ecossistema de Mata Atlântica, onde encontrar-se-iam as espécies animais e vegetais que faziam parte de seu conjunto alimentar e artefactual. Como foi extensamente demonstrado por Noelli (1993), o vasto conhecimento de técnicas de caça desenvolvido pelos Guarani estaria sendo utilizado neste ambiente para apresar e iniciar o processamento da carne de animais de variados portes.

A constatação de uma tênue mancha de solo escurecido e de duas pequenas estruturas de combustão no sítio SC-ARA-019 leva a pensar, ainda, em uma ocupação não tão efêmera, contudo não chegando a se configurar como um local de moradia, haja vista a escassez dos vestígios materiais e a reduzida área da referida mancha. A parca quantidade de fragmentos cerâmicos resgatados está relacionada a vasilhas utilitárias de pequeno porte, como demonstram seu tratamento de superfície e espessuras. Outros tipos de vestígios materiais são ausentes. Essas informações nos permitem, desta maneira, aventar uma incipiente interpretação acerca da funcionalidade do local. Ao que parece, trata-se do que restou de uma estrutura complementar que estaria ligada a atividades realizadas no meio da mata, em local afastado da aldeia principal, as quais podem estar relacionadas ao preparo e cultivo da roça. Embora não tenhamos mais vestígios materiais que demonstrem de forma contundente essa hipótese, parte-se do pressuposto de que os acampamentos relacionados à caça ou coleta teriam duração mais rápida, o que não parece ser o caso, haja vista a formação da mancha de solo escurecido. Assim, esse acampamento poderia ser mais duradouro, sendo ocupado durante as distintas etapas necessárias para o cuidado dos cultivares. Em seu *Vocabulario de la lengua guaraní*, Montoya denomina essas estruturas relacionadas às roças de “choça de chácara” – *capiaba, amunda* – que seriam utilizadas tanto para dormir quanto para o depósito, processamento e produção de variados itens (NOELLI, 1993).

Já os sítios SC-ARA-022 e SC-ARA-024 situam-se nas proximidades da margem oeste da lagoa dos Esteves. A reduzida quantidade de fragmentos cerâmicos em ambos está associada a pequenos vasilhames de utilidade prática, como o demonstram seu tratamento de superfície e sua espessura. Destaque-se, ainda, a ausência de mancha de solo escurecido ou quaisquer outras estruturas associadas a estes vestígios materiais. As características de ambos os sítios nos permitem inferir acerca de sua função relacionada

às atividades de pesca – ainda que essa possa não ter sido uma função exclusiva no local.

Entre os sítios que apontam para funções específicas dentro de um contexto sistêmico, têm-se ainda os que encontram-se sobre as dunas holocênicas, próximos à linha da costa atlântica. Esse ambiente, associado a lagoas, matas de restinga e banhados, apresenta grande potencialidade para a obtenção de alimentos, como peixes, moluscos e pequenos animais. Seria o caso dos sítios SC-ARA-028 e SC-ARA-057, que, implantados nessas regiões dunares, podem ser considerados como pontos avançados relacionados às aldeias localizadas sobre as planícies imediatamente ao interior. Infere-se isso na medida em que se calcula a distância que haveria entre estes pontos e os corpos aquáticos locais (lagoas, rios e mar). Os vestígios arqueológicos identificados nesses sítios, como nos casos anteriores, remetem a ocupações efêmeras, relacionadas a acampamentos. O vento constante dessas áreas certamente contribuía para que não se instalassem moradias permanentes. Todavia, a riqueza faunística e florística desses ecossistemas inseriam-nos dentro da economia do grupo, resultando assim no domínio dessas ecozonas.

Outro tipo de sítio presente sobre as dunas holocênicas refere-se a pequenos montículos cobertos por conchas em cuja superfície foram identificados fragmentos de cerâmica associada aos Guarani – é o caso dos sítios SC-ARA-031 e SC-ARA-047. Tais sítios se inserem em pequenos ‘vales’ entre as elevações de dunas que os rodeiam. Por se localizarem em uma área mais baixa que o seu entorno, o alagamento dessas áreas em determinados períodos do ano certamente redundava em oferta de recursos aquáticos, dentre os quais se encontrariam os moluscos. Isso aponta, em um primeiro momento, para sua utilização estratégica como postos avançados para a coleta desses recursos, sendo que os montículos de conchas seriam resultantes do processamento inicial e descarte das conchas. Todavia, sondagens realizadas no sítio SC-ARA-031 demonstraram que as conchas estão presentes apenas na superfície dos montículos. Essa informação aponta, portanto, para a hipótese de que a presença do material conchífero não se caracteriza como restos alimentares, mas como elementos construtivos, que teriam sido utilizados sobre a superfície das dunas para manter sua estabilidade. Há, no entanto, uma questão ainda não respondida: se esses locais foram construídos pelos Guarani ou se são espaços reapropriados de ocupações anteriores e inseridas dentro de seu contexto social – questão a ser elucidada com novas intervenções e com a efetuação de datações. O reduzido número de fragmentos cerâmicos associados a essas elevações apontam, assim como em sítios anteriores, para vasilhames de contexto de uso prático e de pequeno porte. Nesse sentido, pode-se pensar esses locais como acampamentos avançados especializados na obtenção de recursos aquáticos, sejam aqueles oriundos dos alagamentos esporádicos das dunas, do rio Araranguá ou mesmo do mar.

Salienta-se, contudo, que não consideramos tratar aqui de uma área de domínio em sua totalidade territorial, mas de uma porção interna a um território de domínio mais amplo, que se estende tanto ao norte, na direção dos vales dos rios Urussanga e Jaguaruna, quanto ao sul, se dispersando ao redor do conjunto de lagoas que caracterizam a região limítrofe entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se alongando sobre a bacia do rio Mampituba e, quiçá, adentrando a planície costeira do litoral norte sul-rio-grandense. A ocupação desse amplo território litorâneo é corroborada pelas evidências arqueológicas e etno-históricas (ROGGE, 2006; PESTANA, 2007; MILHEIRA, 2008a, 2008b; ROGGE & SCHMITZ, 2010; WAGNER, 2014).

Contudo, as eventuais fronteiras naturais e as características dos vestígios arqueológicos não permitem, ainda, estabelecer limites geográficos precisos quanto a unidades sócio-políticas delimitadas nesta ampla área litorânea. A respeito disso, pode-se tomar o relato do jesuíta Jerônimo Rodrigues como aporte inicial para elucidar essa questão, considerando que o religioso testemunha, em suas descrições, ainda que implicitamente, certa unidade de parentesco entre grupos que viviam desde a região de Laguna até o rio Mampituba, ao passo que relata, de outra parte, relações ora de comércio ora de distanciamento que ocorriam entre esses e outros grupos que habitavam mais ao sul do Mampituba – pelo religioso denominados de Arachã (RODRIGUES, [1607] 1940).

Toda essa organização territorial começa a entrar em colapso a partir, sobretudo, do contato com os bandeirantes vicentistas que desciam desde São Paulo em busca de mão-de-obra escrava a ser explorada nas fazendas do sudeste, ocorrido a partir do século XVI. Milheira (2010) levanta uma importante reflexão a respeito da evidencição desse momento histórico nos registros arqueológicos a partir de alguns aspectos relativos ao abandono das aldeias. Observando a literatura que discorre acerca das práticas de abandono, o autor identifica, no conjunto de sítios por ele estudado no litoral de Jaguaruna e Laguna (logo ao norte da área de estudo), as esferas do abandono planejado e do abandono não planejado. Assim, essas formas de abandono poderiam ser identificadas no registro arqueológico a partir da observação de uma série de elementos formadores e constituidores dos sítios arqueológicos. Dessa forma, contextos onde nas manchas de solo escurecido, ainda que caracterizadas como locais de habitação, não foram identificadas a densidade e variedade de vestígios arqueológicos, ou mesmo considerável proporção de carvão, poderiam ser considerados locais que foram abandonados de forma planejada, ou seja, não por fatores episódicos, mas por causas estruturadas e previstas dentro do sistema econômico e sociopolítico do grupo. Por outro lado, sítios onde são identificados uma extensa gama de materiais fragmentados, associados a uma alta presença de carvões espalhados por sobre as manchas de solo escurecido, sugerem um abandono rápido e não planejado desses locais<sup>7</sup>. Milheira (2010) destaca que as datações dos sítios no litoral de Jaguaruna apontam para dois momentos, que sugerem eventos distintos de abandono. De um lado, estão os sítios com datações anteriores à chegada dos bandeirantes paulistas, o que indicaria uma desocupação ocasional, impulsionada por conflitos internos entre grupos regionais. De outra parte, estão aqueles sítios cujas datas ocorrem no limiar do contato com o elemento colonial, apontando para a face material do conflito etno-histórica e historicamente registrado que redundaram no apresamento, morte ou expulsão dos Guarani diante do processo histórico de contato com as bandeiras paulistas.

Assim, a densa quantidade de materiais arqueológicos nos sítios, associados a estruturas de habitações, pode ser atribuída às queimas descritas pelos cronistas quando dos ataques dos bandeirantes ou, em outro caso, ao processo de abandono do território, causado pela chegada de epidemias trazidas pelos não-índios, fato ainda recentemente registrado entre os Mbyá (GARLET, 1997).

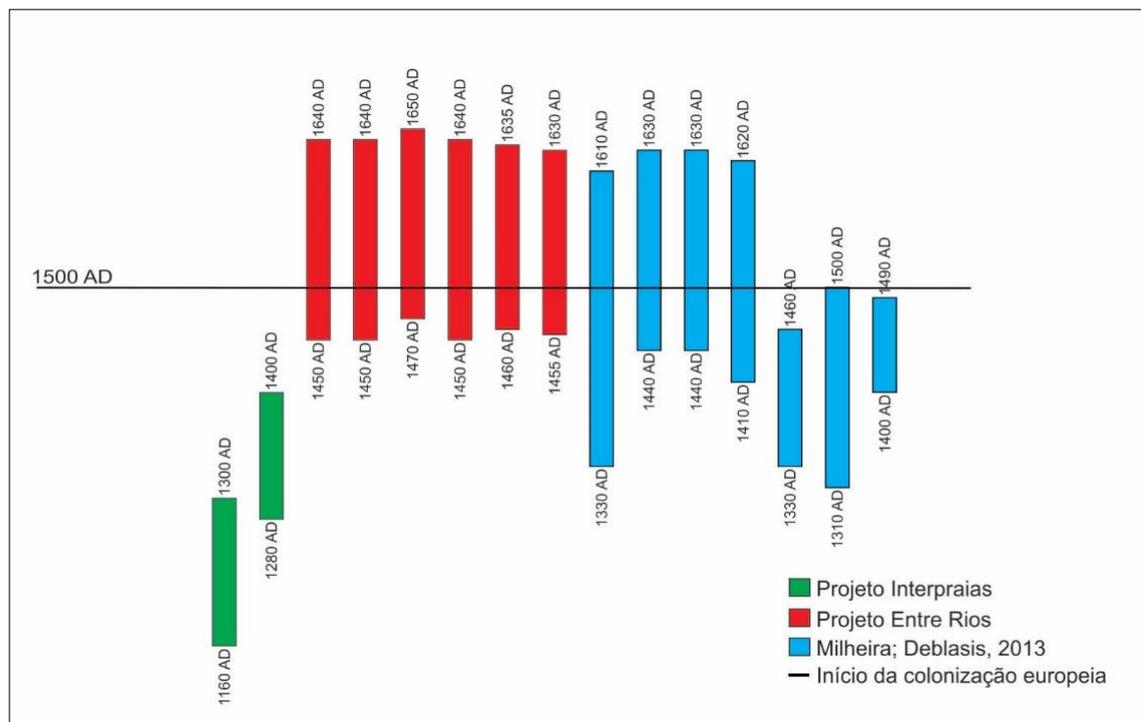
---

<sup>7</sup> Abandono planejado e/ou não-planejado é uma estratégia multivariada e complementar que se refere a um sistema de mobilidade territorial, que respeita a diversos fatores como economia, guerras, política de alianças e causas simbólicas de ordem espiritual e religiosa. As estratégias e causas de abandono de aldeias foram devidamente registradas na documentação etno-história e etnográfica em contextos sociais Tupi-Guarani. Nesses contextos registrados já em período colonial, claramente essas estratégias de abandono reproduzem comportamentos de mobilidade arqueologicamente registrados e que se remetem a um período pré-colonial. Nesse sentido, lidamos aqui com comportamentos de longa duração, que se complexificaram, obviamente, a partir de novas ameaças e conflitos no período colonial.

Comparando com as datações obtidas para o litoral de Jaguaruna, ao norte da região de pesquisa (MILHEIRA, 2010), observa-se a contemporaneidade da ocupação de ambas as regiões. Isto é, essa é uma ocupação que acontece em um mesmo momento, possibilitando inferir-se que se trata de um mesmo grupo que teria chegado e dominado este amplo espaço representado pelo litoral sul catarinense. Todavia, a análise desse conjunto de datas permite algumas reflexões acerca de como teria ocorrido esse processo, bem como aponta para algumas problemáticas que precisam ser mais bem elucidadas.

Quando calibradas, essas datas apontam um horizonte de ocupação que demonstra uma evidente similaridade entre os resultados. No entanto, ainda assim apresenta-se a possibilidade de alguns sítios do litoral de Jaguaruna representarem uma ocupação anterior às datas obtidas para a região de Araranguá. Nesse sentido, as datas mais antigas observadas nos sítios mais ao norte da região de pesquisa apontam para esse local como o escolhido em um momento inicial para principiar a ocupação do litoral sul catarinense. Com efeito, partindo do cenário proposto por Milheira (2010), de uma ocupação efetuada de maneira planejada, diante de um possível vazio demográfico local, essa área teria sido escolhida para a localização dos primeiros assentamentos que, com o tempo e o crescimento populacional, ocupariam as outras regiões seguindo a dinâmica do modelo de “enxameamento” proposto por Brochado (1984).

O espaço entre a data mais antiga e a mais recente desse conjunto chega a 340 anos, apontando para uma rápida ocupação. Rápida e intensa, haja vista a densidade dos registros arqueológicos identificados ao longo do território litorâneo. As datas associadas aos sítios da região de Araranguá apontam que os sítios têm seu horizonte de ocupação notadamente depois do ano de 1500. Isso pode estar relacionado ao processo de conflito com os bandeirantes relatado pela crônica etno-histórica, que situa o rio Araranguá como um importante ponto de comércio de escravos dentro da rede que teria se formado na região sob a liderança de *Tobañarõ* – um destacado e conhecido líder regional – e seus aliados. Assim, essa região teria sido alvo de ataques e desagregação social em momento posterior ao que acontece mais ao norte, nas regiões de Laguna, Jaguaruna e Urussanga.

**Figura 9** - Datações de sítios Guarani no litoral sul catarinense.

Todavia, essas hipóteses são complexificadas ao se inserir nas discussões as datações por Termoluminescência efetuadas durante o Projeto Interpraias (LAVINA, 2000), cujos resultados apontaram para 720+70 AP no Sítio SC-ARA-021 e 610+60 AP no Sítio SC-ARA-004. Essas são notadamente mais antigas que todo o conjunto obtido para o vale do Araranguá, aproximando-se, todavia, de algumas obtidas no litoral de Jaguaruna, mas, ainda assim, permanecendo como as mais antigas. Considerando-as, o horizonte cronológico da ocupação regional recuar-se-ia e demandaria em se pensar que, destarte, a bacia do Araranguá é que teria sido ocupada em um primeiro momento.

No entanto, observa-se que Milheira (2010) aponta para uma discussão em torno dos resultados dessas datações, com interlocução do seu próprio autor, considerando que foram obtidas com outro conjunto de datações efetuadas no município de Imbituba, destacando que, ainda que algumas dessas datas possam estar dentro do horizonte cronológico de ocupação regional, outras destoam de forma contundente, colocando em xeque os resultados. Entretanto, não se descarta a hipótese de que esses sítios compunham o cenário do primeiro momento da chegada dos Guarani na região, fazendo parte, por seu expressivo recuo temporal, de uma frente exploratória deste território a partir de outras regiões – como a planície norte sul-rio-grandense, por exemplo. Todavia, essas questões precisam ser refinadas com a efetuação de novas datações, nos mesmos sítios e em outros mais, para que assim se possa proceder às comparações dos resultados e apurar esses dados cronológicos.

## CONCLUSÃO

Com este trabalho, nos propomos contribuir com o conhecimento acerca da ocupação das populações Guarani no litoral sul catarinense. Como têm demonstrado as pesquisas recentes, essas populações, oriundas da Amazônia e das grandes bacias hidrográficas do interior do continente, teriam chegado à região em um período próximo ao início da colonização ibérica na América do Sul. No entanto, essa chegada relativamente recente não significa que o domínio do espaço tenha ocorrido de forma

tênue, pois, como demonstram as pesquisas arqueológicas efetuadas em território litorâneo ao longo das últimas décadas, essa região foi densamente ocupada por esta população, como o demonstra a densidade de sítios que têm sido identificados.

Estudou-se os sítios em sua diversidade a fim de nos aproximarmos das estratégias utilizadas pelos Guarani dentro desse ambiente específico. Para isso, levamos em consideração os modelos de organização territorial proposto para a arqueologia Guarani, sobretudo o modelo ecológico elaborado por Noelli (1993). Neste sentido, partimos do pressuposto de que, ao longo de sua milenar história de expansão e domínio territorial em uma ampla área do cone sul-americano, essas populações eram portadoras de complexas e sofisticadas estratégias de mapeamento e domínio do ambiente. Assim, a diversidade dos sítios aqui focados, junto com seus vestígios cerâmicos, líticos, eventuais estruturas e inserção no ambiente, foram tomadas como elementos a serem considerados quando se pensa a complexidade dessas estratégias. Ancorados nos vestígios arqueológicos e nos modelos propostos, apontamos que o ambiente local foi explorado em suas especificidades e inserido dentro do âmbito econômico e social do grupo.

A pesquisa em sítios Guarani no litoral sul catarinense tem apresentado, ainda, um grande potencial por permitir elucidar materialmente um contexto conhecido, do ponto de vista histórico, pelos conflitos entre as populações nativas e os colonizadores europeus. Grandes quantidades de materiais de uso cotidiano, como cerâmicas e instrumentos líticos, denotam práticas de abandono rápido das aldeias, gerando um registro arqueológico denso qualitativa e quantitativamente. Nitidamente a cronologia de abandono dessas aldeias litorâneas também reforça a ideia de que tanto os espaços habitacionais como os territórios foram suplantados e sumariamente decompostos pelas empresas colonizadoras logo após o início da conquista europeia. O padrão material dos sítios arqueológicos associado à cronologia do abandono rápido reforça os dados históricos bastante ricos que registraram as práticas de etnocídio e desterritorialização Guarani na região do litoral sul catarinense.

#### AGRADECIMENTOS

Ao Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) por toda estrutura e financiamento da pesquisa; ao amigo arqueólogo Marcos Cesar Pereira Santos, um dos coordenadores do Projeto AERUM, pelas valiosas críticas, sugestões e inserções que tornaram esta pesquisa mais completa e consistente; e a todo grupo de trabalho relacionado ao Projeto AERUM (nomeadamente aos que participaram em algum momento das etapas de campo e laboratório: Alan Sezara de Souza, Alexandre da Silva, Diego Dias Pavei, Héron Silva de Cezaro, Jean Farias, Juliano Gordo Costa, Neemias Santos da Rosa e Renata Trombin de Araujo). Aos pareceristas anônimos, que em muito auxiliaram na qualificação do texto.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, V. 1996. *Da espacialidade Tupinambá*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- BRONK RAMSEY, C.; LEE, S. 2013. Recent and Planned Developments of the Program OxCal. *Radiocarbon*, 55(2-3):720-730.
- BROCHADO, J. J. P. 1984. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América*. Tese de Doutorado. Champaign, University of Illinois.
- BROCHADO, J. J. P. 1989. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, São Paulo, 27:65-82.

- BROCHADO, J. J. P. & MONTICELLI, G. 1994. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, 20(2):107-118.
- BROCHADO, J. J. P.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. 1990. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas*, 35(140):727-743.
- CAMPOS, J. B. 2015. *Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no Extremo Sul de Santa Catarina – Brasil*. Tese de Doutorado. Vila Real, Portugal, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- CAMPOS, J. B. & SANTOS, M. C. P. 2014. *Programa de resgate arqueológico da Jazida de Areia Eckert, Campo Mãe Luzia*. Relatório Final. Criciúma, UNESC.
- CAMPOS, J. B. & SANTOS, M. C. P. 2015. *Programa de Resgate Arqueológico do Loteamento Residencial Mirante da Lagoa. Município de Içara (atualmente Balneário Rincão)*. Criciúma, IPAT/UNESC.
- CAMPOS, J. B.; SANTOS, M. C. P.; ROSA, R. C.; RICKEN, C.; ZOCCHÉ, J. J. 2013. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas, 10(20):9-40.
- DIAS, A. S. 2003. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- DIAS, A. S. & SILVA, S. B. 2014. Arqueologia Guarani no Lago Guaíba: refletindo sobre a territorialidade e a mobilidade pretérita e presente. In: MILHEIRA, R. G. & WAGNER, G. P. *Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil*. Curitiba, Appris, pp. 81-114.
- DUARTE, G. M. 1995. *Depósitos cenozóicos costeiros e morfologia do extremo sul de Santa Catarina*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- GARLET, I. J. 1997. *Mobilidade Mbyá: história e significação*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- HOGG, A. G.; HUA, Q.; BLACKWELL, P. G.; NIU, M.; BUCK, C. E.; GUILDERTSON, T. P.; HEATON, T. J.; PALMER, J. G.; REIMER, P. J.; REIMER, R. W.; TURNEY, C. S. M.; ZIMMERMAN, S. R. H. 2013. SHCal13 Southern Hemisphere Calibration, 0-50,000 Years cal BP. *Radiocarbon*, 55(4):1889-1903.
- JACQUES, C. C. 2007. *As pessoas e as coisas: análise espacial em dois sítios arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- JUSTUS, J. O.; MACHADO, M. L. A.; FRANCO, M. S. M. 1986. Geomorfologia. In: Projeto RADAMBRASIL. Folha SH-22 - Porto Alegre e parte das folhas SH-21 – Uruguaiana e SI-22 – Lagoa Mirim, Rio de Janeiro. (Levantamento de Recursos Naturais, v.33): 313-404.
- KAUL, P. F. T. 1990. Geologia. In: Geografia do Brasil; Região Sul. Rio de Janeiro, IBGE, v. 2, pp. 29-54.
- KLEIN, R. M. 1978. Mapa Fitogeográfico de Santa Catarina. In: REITZ, R. (Ed.). *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí, Herbário Barbosa Rodrigues.
- LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. J. P. 1989. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre, Posenato Arte e Cultura.
- LAVINA, R. 1999. *Projeto de salvamento arqueológico da ZPE Imbituba, SC*. Relatório Final. Criciúma, IPAT/UNESC.
- LAVINA, R. 2000. *Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraia*. Criciúma, IPAT/UNESC.
- LAVINA, R. 2006. *Levantamento Arqueológico da Jazida de Areia Eckert, Hercílio Luz – Araranguá/SC*. Relatório de Pesquisa. Criciúma, IPAT/UNESC.
- LINGNER, D. V.; SEVEGNANI, L.; GASPER, A. L.; UHLMANN, A.; VIBRANS, A. C. 2013. Grupos florísticos estruturais da Floresta Ombrófila Densa em Santa Catarina. In: VIBRANS, A. C.; SEVEGNANI, L.; GASPER, A. L.; LINGNER, D. V. (Eds.). *Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina*. V. 4. Floresta Ombrófila Densa. Blumenau, Edifurb, pp. 143-157.
- LINO, J. T. 2007. *Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LINO, J. T. 2009. *Arqueologia Guarani no Vale do Rio Araranguá, Santa Catarina*. Erechim/RS, Habilis.

- MARTIN, L.; SUGUIO, K.; FLEXOR, J. M.; AZEVEDO, A. E. G. 1988. *Mapa geológico do quaternário costeiro dos estados do Paraná e Santa Catarina: texto explicativo e mapa*. Brasília, DNP. Série Geologia 28, seção Geologia Básica 18.
- MILHEIRA, R. G. 2008a. *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- MILHEIRA, R. G. 2008b. Um modelo de ocupação regional Guarani no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 18:19-46.
- MILHEIRA, R. G. 2010. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- MILHEIRA, R. G. & DEBLASIS, P. 2013. O território Guarani no litoral sul catarinense: ocupação e abandono no limiar do período colonial. *Revista de Arqueologia Americana*, 29:147-182.
- MILHEIRA, R. G. & WAGNER, G. P. 2014. *Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil*. Curitiba, Appris.
- MONTEIRO, J. M. 2005. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NEUMANN, M. A. 2008. *Ñande Rekó: diferentes jeitos de ser Guarani*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- NOELLI, F. S. 1993. *Sem tekoha não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio do delta do Jacuí – RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- NOVAES, S. C. (Org.). 1983. *Habitações Indígenas*. São Paulo, EDUSP.
- PEREIRA, G. S. 2014. *Utilização das plantas pelos Guarani*. Monografia de Graduação em Ciências Biológicas. Criciúma, Universidade do Extremo Sul Catarinense.
- PEREIRA, G. S.; NOELLI, F. S.; CAMPOS, J. B.; SANTOS, M. P.; ZOCICHE, J. J. 2016. Ecologia Histórica Guarani: as plantas utilizadas no Bioma Mata Atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (Parte 1). *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas, 13(26):197-246.
- PESTANA, M. B. 2007. *A tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo/RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- RIBEIRO, P. A. M. 2004. Levantamentos arqueológicos na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 17:85-99.
- RICKEN, C.; ROSA, R. C.; MENEGHINI, J. W.; CAMPOS, J. B.; ZOCICHE, J. J. 2013. A dinâmica da paisagem e o povoamento pré-histórico no sul de Santa Catarina. *Tempos Acadêmicos*, 11:163-184.
- RODRIGUES, J. 1940. A missão dos carijós – 1605-1607. In: LEITE, S. (Org.). *Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- ROGGE, J. H. 2006. Os sítios arqueológicos estudados no litoral central. *Pesquisas, Antropologia*, 63:133-178.
- ROGGE, J. H. & SCHMITZ, P. I. 2010. Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica no litoral norte do RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 68:167-225.
- ROHR, J. A. 1969. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. *Pesquisas*, 22:1-37.
- ROHR, J. A. 1973. A pesquisa arqueológica do estado de Santa Catarina. *Dédalo*, 17/18:49-65.
- ROHR, J. A. 1976. Pré-história da Laguna. In: CABRAL, O. R. (Coord.). *Santo Antônio dos Anjos da Laguna*. Seus valores históricos e humanos. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, pp. 13-50.
- ROHR, J. A. 1984. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*, 17:77-168.
- SANTA CATARINA. 1986. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Subchefia de Estatística, Geografia e Informática. *Atlas de Santa Catarina*. Rio de Janeiro, Aerofoto Cruzeiro.
- SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D. D.; CAMPOS, J. B. 2016. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Paleoambiente, cultura material e ocupação humana na paisagem litorânea do extremo Sul catarinense entre 3.500-200 anos AP. *Cadernos do CEOM*, Chapecó (SC), 29(45):64-86.

- SEVEGNANI, L.; VIBRANS, A. C.; GASPER, A. L. 2013. Considerações Finais sobre a Floresta Ombrófila Densa e Restinga. In: VIBRANS, A. C.; SEVEGNANI, L.; GASPER, A. L.; LINGNER, D. V. (Eds.). *Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina*. V. 4. Floresta Ombrófila Densa. Blumenau, Edifurb.
- SOARES, A. L. R. 1997. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- TREIN, H. A. 2008. *A implicação antrópica na qualidade dos recursos hídricos subterrâneos da bacia hidrográfica do rio Urussanga – SC*. Tese de Doutorado. Rio Claro/SP, Universidade Estadual Paulista.
- VAL, C. 2015. *Ocupação pré-histórica e mudanças paleoambientais na planície costeira sul-catarinense: abordagem integrada com base em dados palinológicos*. Dissertação de Mestrado. Portugal, Instituto Politécnico de Tomar / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- WAGNER, G. P. 2004. *Ceramistas Pré-coloniais do Litoral Norte*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- WAGNER, G. P. 2014. O povoamento Guarani do litoral norte do Rio Grande do Sul e suas relações com os demais ocupantes da região. In: MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. *Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil*. Curitiba, Appris, pp. 39-622.